



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**QUANTO VALE OU É POR QUILO?: REFLEXÕES POSSÍVEIS
ACERCA DA FICÇÃO E DA HISTÓRIA**

Cláudia Santos Duarte*
Marinês Andrea Kunz**

O filme de longa-metragem *Quanto Vale ou é Por Quilo?*¹, lançado em 2005 pelo diretor paranaense Sérgio Luís Bianchi, pode ser analisado sob o viés da metaficção historiográfica, especialmente no que se refere ao tratamento do tema da representação do negro.

Dessa forma, o presente artigo procura identificar os elementos do filme que instituem a ficcionalização e a reinterpretação do fato histórico da escravidão negra no Brasil, de modo que a análise discursiva da obra propõe destacar a perspectiva de autorreflexão da narrativa, capaz de problematizar a construção do conhecimento histórico por meio da ficção. Para tanto, a análise é pautada na existência de quatro estratégias fundamentais para a construção metaficcional da obra: a livre adaptação de obras literárias; a utilização e a menção a documentos históricos; a paródia do discurso

* Mestranda em Processos e Manifestações Culturais, bolsista PROSUP/CAPES, Universidade Feevale - Novo Hamburgo - RS

** Doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS, pesquisadora e professora titular do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais e do curso de Letras da Universidade Feevale - Novo Hamburgo - RS

¹ Esta obra cinematográfica foi vencedora do prêmio Paratycine nas categorias de melhor filme, júri popular, melhor diretor e melhor edição.

típico do terceiro setor e a superposição de linguagens, explorando, essencialmente, a linguagem fotográfica nos episódios que compõem a obra cinematográfica.

Contando com um elenco bastante conhecido do público brasileiro, *Quanto Vale ou é Por Quilo?* reúne atores consagrados como Herson Capri, Lázaro Ramos, Caco Ciocler, Ana Lucia Torre, Miriam Pires e Claudia Mello, além de outros nomes reconhecidos como Sílvio Guindane, Ana Carbatti, Leona Cavalli e Lena Roque. A participação especial de Milton Gonçalves narrando algumas passagens do enredo e a breve atuação de Zezé Motta também merecem destaque.

O enredo faz um paralelo entre o Brasil dos séculos XVIII e XIX e a atualidade. No passado ou no presente, a narrativa evoca as peculiaridades das relações sociais, especialmente no que se refere ao campo das desigualdades. Sobre os séculos em que a escravidão negra ainda não tinha sido abolida no Brasil, a representação feita pela narrativa de Sérgio Bianchi aponta alguns aspectos das relações entre senhores, escravos, libertos e demais membros daquele período histórico, enfatizando anseios, interesses, traços econômicos e tomadas de decisão. Sobre a atualidade, o filme dá atenção aos jogos de poder e ao universo que envolve a atuação das Organizações Não Governamentais (ONGs) no país, sem deixar de mencionar as diferentes esferas de indivíduos que se relacionam a partir dessas entidades.

O fio condutor da narrativa envolve os membros da fictícia Empresa Stiner Empreendimentos, prestadora de serviços para ONGs que buscam ampliar sua atuação no mercado. A trama abrange as denúncias que aparecem contra essa empresa especialmente no que se refere ao projeto social “Informática na Periferia” em que máquinas de qualidade inferior são encaminhadas a uma ONG, mas cotadas com valor exorbitante.

Esse enredo é permeado por pequenos episódios que destacam eventos localizados durante o período escravocrata brasileiro, mais precisamente entre os séculos XVIII e XIX. As ocorrências envolvendo escravos, senhores e demais membros da sociedade escravista da época são referenciadas como sendo histórias que constam no Arquivo Histórico Nacional do Rio de Janeiro. Essas circunstâncias narradas são contornadas pela ideia de propriedade, lucro, liberdade e negociação. Assim, escravos, libertos e donos de escravos interagem de modo a caracterizar parte das relações sociais ocorridas no Brasil dos séculos XVIII e XIX.

Um ponto chave que caracteriza a obra cinematográfica *Quanto Vale ou é Por Quilo?* é o fato de ser uma livre adaptação do conto *Pai Contra Mãe*, de Machado de Assis, além de fazer menção a outro conto do autor intitulado *O Caso da Vara*. Há também a livre adaptação do livro *Crônicas do Rio Colonial*, de Nireu Cavalcanti. Dessa forma, o filme utiliza elementos dessas narrativas para compor o enredo tanto da atualidade como das representações feitas do passado de escravidão, realizando paralelos entre os dois tempos históricos e propondo aproximações.

Embora o filme seja classificado no gênero drama, muitos são os que o associam ao documentário, pois ao apontar diversos dados referentes ao desempenho das ONGs no Brasil, a obra apresenta um viés de testemunho que convence alguns espectadores de que teria um caráter documental. Outra perspectiva que parece aproximar essa obra cinematográfica do gênero documentário são as inúmeras referências a fatos históricos e a constante citação de documentos que são atribuídos ao Arquivo Histórico Nacional, especialmente, nas ocasiões em que se retrata o passado escravocrata brasileiro.

Nesse sentido, a obra provoca certa indeterminação e conduz o espectador a uma narrativa híbrida com elementos do passado e do presente, com as aproximações entre as relações escravocratas e a assistência social da atualidade e, sobretudo, com uma mescla de informações que de forma não linear vão compondo a narrativa.

1 A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Na relação entre cinema e História, na atualidade, é possível identificar que algumas obras cinematográficas têm assumido um caráter de metaficção historiográfica, ou seja, obras que rompem as fronteiras culturais e que partem do fato histórico para a sua ficcionalização e reinterpretação. Dessa forma, esse tipo de produção realiza a revisão da versão oficial do acontecimento histórico e apresenta outras possibilidades.

As metaficcões historiográficas problematizam o conhecimento histórico e o acesso que temos ao passado através da justaposição de versões. Assim, além de contar uma história, essa categoria “aspira a perguntar de quem é a verdade que se conta” (HUTCHEON, 1991, p. 162). Outro aspecto relevante, nesse sentido, refere-se à opção assumida pelas metaficcões historiográficas em abordar a verossimilhança ao invés de buscar as verdades absolutas. Com base nesses apontamentos, é possível reconhecer

aproximações entre os textos ficcionais e os textos históricos, já que a “história e a ficção sempre foram conhecidas como gêneros permeáveis” (HUTCHEON, 1991, p. 143).

O filme *Quanto Vale ou é Por Quilo?* mescla elementos oriundos de distintos contextos e calcados em diferentes linguagens. Assim, utiliza documentos escritos, imagens fotográficas, textos literários e discursos organizacionais que, aliados à linguagem cinematográfica constroem uma narrativa que pode ser entendida como metaficcional.

Considerando o caráter autorreflexivo do filme percebe-se a sua capacidade de problematizar a construção do conhecimento histórico por meio da ficção, utilizando o dialogismo, a paródia e, muitas vezes, a instalação da ironia para compor um enredo caracterizado pela reavaliação de algumas perspectivas históricas e sociais.

Para tanto, apresentando o rompimento de fronteiras entre gêneros cinematográficos, a obra alterna episódios que a classificam na categoria drama, mas, também, insere abordagens que a aproximam do documentário. Essa postura corrobora o elemento metaficcional da narrativa já que “a metaficção historiográfica sugere que a verdade e a falsidade podem não ser mesmo os termos corretos para discutir a ficção” (HUTCHEON, 1991, p. 146). Agindo assim, *Quanto Vale ou é Por Quilo?* dilui os dois gêneros cinematográficos (drama e documentário) e propõe um enredo que passeia entre a ficção e a História.

A construção metaficcional do filme é composta essencialmente pelo uso de quatro estratégias fundamentais. Primeiro, é possível destacar a livre adaptação que a obra faz de dois trabalhos literários e um historiográfico. O filme é baseado, explicitamente, no conto de Machado de Assis, intitulado *Pai Contra Mãe*. Dessa forma, *Quanto Vale ou é Por Quilo?* apresenta duas versões dessa obra literária. A busca do capitão do mato pela escrava fugitiva é recriada na temporalidade original do conto, no século XIX, mas também é adaptada para a atualidade, quando a personagem Arminda é abordada, em casa, por Candinho devido as suas denúncias contra o empresário Ricardo Pedrosa. Além desses dois momentos fundamentais para a narrativa, o filme ainda utiliza trechos do conto, ao longo de algumas cenas, fazendo uso não somente do texto em si, mas, sobretudo, do caráter irônico da produção de Machado de Assis.



Figura 1 - Arminda capturada pelo capitão do mato
Fonte: Cena do filme *Quanto Vale ou é Por Quilo?*

O filme também tangencia um segundo conto machadiano intitulado *O Caso da Vara*, e essa relação pode ser percebida, especificamente, quando a personagem Noêmia menciona à Mônica que precisa dela numa chácara no interior para onde a associação beneficente, a qual ela trabalha, foi transferida. Mônica tem uma dívida com Noêmia pelo empréstimo do dinheiro para a festa de casamento de Clarinha e Candinho. Ao ser pressionada para retribuir a ajuda que lhe foi dada por Noêmia, Mônica indica uma menina negra que trabalha com ela para cumprir a missão em seu lugar.



Figura 2 - Noêmia e Mônica
Fonte: Cena do filme *Quanto Vale ou é Por Quilo?*

Da mesma forma, a obra faz uma livre adaptação do livro *Crônicas do Rio Colonial*, de Nireu Cavalcanti, que escreveu crônicas com base em documentos dos

arquivos jurídicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, recordando fatos acontecidos na, então, capital do Brasil, entre os séculos XVIII e XIX. Os três episódios baseados nas pesquisas apresentadas no livro referem-se a relações ocorridas durante o período escravocrata brasileiro, sendo elas: o caso do escravo roubado de Joana Maria da Conceição, a história da grande amizade entre Maria Antônia e Lucrecia e a história de Bernardino e Adão.

A segunda estratégia utilizada na construção dessa metaficção relaciona-se, justamente, à informação apontada no parágrafo anterior. A narração dos três episódios, mencionados anteriormente, termina com o destaque para o fato de que a história foi extraída do Arquivo Nacional, assinalando o ano, o local e, inclusive, a caixa onde estava o material. Nesse sentido, o filme demarca a opção por demonstrar ao espectador que documentos históricos embasaram a obra. E, dessa forma, a fronteira entre a História e a ficção aparece indeterminada.

Cabe ressaltar que, a locução dos três episódios é feita pelo ator Milton Gonçalves, prestigiado representante dos atores negros no Brasil, o que denota que os valores extra fílmicos têm grande importância na construção de uma narrativa cinematográfica. Afinal, um negro que conta com extremo respeito, no panorama cênico nacional, aparece narrando cenas envolvendo casos do período da escravidão no país.

O uso da paródia do discurso típico do Terceiro Setor (que inclui as ONGs) representa a terceira estratégia que pode ser destacada na obra metaficcional *Quanto Vale ou é Por Quilo?*. Ao longo do filme, diversos processos dialógicos, dessa natureza, podem ser percebidos nas falas das personagens e nas locuções que se relacionam aos temas ligados ao Terceiro Setor. E nessas ocasiões “é como se vissemos um vestígio do riso na estrutura da realidade a ser representada, sem ouvir o riso propriamente dito” (BAKHTIN, 1981, p.142).

Um exemplo dessa abordagem pode ser recuperado na fala da personagem Marco Aurélio que aparece, numa propaganda de televisão, convidando outras empresas a participarem do voluntariado no país, é claro, com a ajuda da empresa fictícia Stiner Empreendimentos. Um dos trechos de sua fala indica que: “*A empresa socialmente responsável pode até vender mais caro que a concorrente, afinal está cobrando mais pelo bem comum. A sua empresa também pode se associar a este projeto vencedor*”. Nessa, e em outras passagens, o discurso das empresas do Terceiro Setor é parodiado, instalando um tom de ironia que permeia toda a narrativa.



Figura 3 - Marco Aurélio Silveira falando do voluntariado

Fonte: Cena do filme *Quanto Vale ou é Por Quilo?*

Por fim, a quarta estratégia utilizada pelo filme, contribuindo para sua condição metaficcional, é a superposição de linguagens. *Quanto Vale ou é Por Quilo?* não se limita aos documentos históricos escritos para compor sua narrativa. Pelo contrário, faz uso também da linguagem fotográfica quando, ao final de determinados episódios, simula uma fotografia tirada da cena que representa a conclusão do enredo apresentado. Tal característica corrobora a sua natureza de metaficção historiográfica já que questiona os mecanismos de elaboração do conhecimento histórico. As cenas que representam a fotografia final enfatizam o desfecho, quase sempre harmonioso, de interações que passaram por conflitos e problemas antes de chegarem àquele ponto. É importante ressaltar que, “isso não nega que o passado ‘real’ tenha existido; apenas condiciona nossa forma de conhecer esse passado. Só podemos conhecê-lo por meio de seus vestígios, de suas relíquias” (HUTCHEON, 1991, p. 158) e, dessa forma, muita coisa pode não ser identificada naquele “produto final”.



Figura 4 - Maria Antônia e Lucrecia.

Fonte: Cena do filme *Quanto Vale ou é Por Quilo?*

Assim, as personagens e as referências, ali representadas, seja no passado ou no presente, conservam certa ambiguidade, o que coloca em jogo as afirmações consideradas reais e a construção dos sujeitos feita pelas narrativas em geral. Tal posicionamento pode ser observado, por exemplo, nas cenas iniciais em que a personagem Joana Maria da Conceição reúne um pequeno grupo para reclamar a captura de um de seus escravos. A curiosidade reside no fato de Joana ser uma negra alforriada que “*agindo conforme a lei acumulou recursos para comprar escravos*”. Nesse sentido, a narrativa insere no campo das representações um componente pouco comum no que se refere à forma como os negros do período escravocrata são retratados com frequência. E essa postura acompanha toda a obra fílmica, propondo outras versões e uma possível reinterpretação das relações sociais ocorridas naquele momento histórico.



Figura 5 - Joana Maria da Conceição e seus escravos
Fonte: Cena do filme *Quanto Vale ou é Por Quilo?*

O filme *Quanto Vale ou é Por Quilo?* destaca a representação do negro de forma um pouco distinta das maneiras, comumente, disseminadas na maioria dos produtos cinematográficos anteriores ao lançamento dessa obra. Algumas formas costumeiras presentes nas representações do negro ainda estão demarcadas nesta narrativa. No entanto, seja em relação à postura do negro escravizado ou ainda nas representações referentes ao negro na atualidade, a narrativa apresenta avanços nas leituras possíveis sobre esses atores sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revela que, a partir do rompimento de fronteiras entre gêneros cinematográficos e textuais, oscilando entre o drama e o documentário e entre a ficção e a História, a obra apresenta outras versões dos fatos históricos e uma possível reinterpretação das relações sociais envolvendo os negros brasileiros, seja no passado seja no presente.

Assim, é importante destacar que a obra fílmica analisada propõe a problematização das relações entre negros e brancos no período da escravidão negra no Brasil, além de encaminhar reflexões acerca da condição do negro na sociedade atual. A narrativa é legitimada por elementos extra fílmicos que lhe conferem valor e apresenta um caráter documental que revela e reinterpreta a escravidão do negro no Brasil.

Nesse contexto, *Quanto Vale ou é Por Quilo?* destaca questões relativas a identidade negra no país, propondo reavaliações e diferentes maneiras de se contar a mesma história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

_____. O caso da vara. In: _____. **Melhores contos de Machado de Assis**, p. 273-280, 1985.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Estética da criação verbal**. Livraria Martins Fontes, 2011.

CAVALCANTI, Nireu Oliveira. **Crônicas: históricas do Rio colonial**. Editora Record, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1990.

_____. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da paródia:** ensinamentos das formas de arte do século XX. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

QUANTO VALE ou é por quilo? Direção: Sérgio Bianchi. Roteiro: Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi. Rio de Janeiro: Agravo Produções Cinematográficas, Riofilme, 2005. 1 DVD (104 minutos).

RICOEUR, Paul. O entrecruzamento da História e da ficção. In: *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas: Papirus, 1997.

ROSSINI, Miriam de Souza. **Imagens da exclusão no cinema nacional.** IHU Idéias, n.24, novembro de 2004.

_____. **O cinema da busca:** discurso sobre identidades culturais no cinema brasileiro dos anos 90. Revista Famecos, Porto Alegre, agosto/2005, n.27, p 96-104.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco:** raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

THOMPSON, J.B. *Ideologia e Cultura Moderna.* Petrópolis: Vozes, 1995.

